

PERSPECTIVAS DA RELAÇÃO ENTRE O PRAZER, A VIDA E A MORALIDADE NA FILOSOFIA KANTIANA

PERSPECTIVES ON THE RELATIONSHIP BETWEEN PLEASURE, LIFE, AND MORALITY IN KANTIAN PHILOSOPHY

Leandro Rocha¹

RESUMO: O artigo explora a complexa interação entre o prazer, a vida e a moralidade na obra de Immanuel Kant. O estudo analisa a concepção kantiana de prazer como uma manifestação vital que reflete a conformidade entre nossas representações e o plano da natureza. Kant distingue entre o prazer no agradável, relacionado à animalidade, e o prazer moral, resultante de ações guiadas pela razão; além, ainda, do prazer estético. O prazer moral é visto como uma forma elevada de satisfação, em comparação com os demais modos de prazer. O texto conclui que, na filosofia kantiana, o prazer e a moralidade podem ser harmonizados, resultando em uma vida plena que integra os aspectos sensíveis e racionais do ser humano.

Palavras-chave: Prazer. Vida. Moralidade. Natureza. Kant.

ABSTRACT: The article explores the complex interaction between pleasure, life, and morality in the work of Immanuel Kant. The study analyzes Kant's conception of pleasure as a vital manifestation that reflects the conformity between our representations and the plan of nature. Kant distinguishes between pleasure in the agreeable, related to animality, and moral pleasure, which results from actions guided by reason, as well as aesthetic pleasure. Moral pleasure is seen as a higher form of satisfaction compared to other modes of pleasure. The text concludes that, in Kantian philosophy, pleasure and morality can be harmonized, resulting in a full life that integrates the sensory and rational aspects of the human being.

Keywords: Pleasure. Life. Morality. Nature. Kant.

INTRODUÇÃO

A relação entre prazer, vida e uso da razão é um tema central na filosofia kantiana, revelando aspectos da natureza humana e suas disposições fundamentais. Kant propõe que o prazer não pode ser compreendido como uma simples satisfação animal, mas sim como uma manifestação vital que reflete a conformidade entre nossas representações e um plano da natureza para com o ser humano. A vida humana, para Kant, está permeada por duas disposições principais: a disposição para a animalidade, que está associada aos impulsos

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor de Filosofia da Arte na Escola de Artes Plásticas da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG (Unidade Escola Guignard - Belo Horizonte, MG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8755-7105>

naturais e prazeres no âmbito do agradável, e a disposição para a moralidade, que envolve a capacidade de agir conforme princípios racionais e éticos. Essa dualidade, embora inicialmente pareça sugerir um conflito entre o corpo e a razão, é tratada por Kant como uma tensão que pode ser harmonizada. A moralidade, longe de ser uma imposição que anula o prazer, atua como um regulador que eleva a experiência sensível a um nível mais elevado. O ser humano, ao ser orientado pela razão, pode experimentar um modo de satisfação ética, garantindo que o ser humano possa viver em conformidade com a natureza, tanto em seu aspecto sensível quanto em sua dimensão moral. A proposta kantiana se estende à ideia de que a vida em conformidade com a natureza deve integrar essas duas disposições — animalidade e moralidade — de modo a promover não apenas a sobrevivência e o bem-estar fisiológico, mas também o desenvolvimento ético e racional. Kant argumenta que o prazer pode ser experimentado de maneira equilibrada quando é regulado pela razão, permitindo que a vida humana seja vivida de forma plena, harmonizando a busca pela satisfação sensível com a exigência moral de agir por dever. Este artigo explora essa complexa relação entre prazer, vida e moralidade na obra de Kant, buscando compreender como o filósofo propõe uma integração entre essas dimensões. Analisaremos o papel do prazer no contexto moral kantiano e discutiremos os limites que a moralidade impõe à busca por satisfação, bem, como o papel de ambas as direções na ideia de vida. Ao longo do texto, será demonstrado que, no pensamento kantiano, ao ser humano é possível que o prazer seja vivenciado em conformidade com os princípios racionais, resultando em uma existência que equilibra as dimensões sensível e moral e isso de acordo com a natureza.

1. O PRAZER E A VIDA EM KANT

Na filosofia kantiana, o prazer assume um papel central na compreensão da vida e da condição humana. Todos os sentimentos, para Kant, são reduzíveis a dois: o prazer e o desprazer, ou seja, uma determinação das forças no sentido de manter dada representação presente, no caso do prazer, ou, de dispersá-las, no caso do desprazer (Rocha, 2019). E, ainda, haveria quatro modos a partir dos quais os sujeitos sentem um prazer ou um desprazer: no agradável, no bom, no belo e no sublime. E somente esses modos. Nos diz a *Crítica da Faculdade do Juízo* que “em referência ao sentimento de prazer, um objeto deve contar-se como pertencente ao *agradável*, ou ao *belo*, ou ao *sublime*, ou ao *bom*

(absolutamente)” (Kant, 2010, p. 113). No caso de pertencer ao *agradável*, o modo de prazer específico é o deleite (*Vergnügen*), no caso do belo é o aprazimento (*Gefallen*), no do sublime é a comoção (*Rührung*), e no do bom, segundo a *KU*, é a aprovação (*Billigung*). Em Kant, o prazer não é apenas um sentimento de satisfação superficial, mas uma manifestação do princípio de vitalidade que permeia a existência humana. Para Kant, “não sentimos a própria vida, porém [sentimos], a sua promoção ou obstáculo” (Kant, I. *Refl.* AA 15: 244.03-04)². A vida se ocuparia da alternância entre prazer e desprazer, e entre desprazer e prazer, isso é o que se pode sentir da vida. A vida, em sua complexidade, envolve tanto a animalidade, representada pelos impulsos e prazeres inerentes ao agradável, quanto a moralidade, que exige uma elevação desse prazer a um patamar racional e ético.

O prazer é entendido como sendo “a representação da concordância do objeto ou da ação com as condições subjetivas da vida, isto é, com a faculdade de causalidade de uma representação com vistas à efetividade de seu objeto (ou da determinação das forças do sujeito à ação de produzi-lo)” (Kant, 2003, p. 29). Nesse sentido, ele é o indicador de que algo está em conformidade com as condições subjetivas da vida e, portanto, está diretamente relacionado ao plano da natureza. Kant afirma que o prazer está vinculado ao sentimento de promoção da vida (Kant, I. *Refl.* 6862. AA 19: 183.21-31), uma concepção que se alinha com a ideia de que a vida humana é um processo contínuo de desenvolvimento e aperfeiçoamento, que envolve uma conexão com a razão, que guia as ações humanas em direção àquilo que é moralmente correto. Dessa forma, o prazer torna-se um reflexo da harmonia entre as faculdades sensíveis e racionais do ser humano, indicando uma vida que é vivida em conformidade com a natureza, incluindo nisso a conformidade com os princípios éticos. Nos diz Kant na *Reflexão* 6658: “viver em conformidade com a natureza não significa viver segundo os impulsos da natureza mas segundo a *ideia* em que se encontra o fundamento da natureza” (Kant, *apud* Rohden, 2005, p. 233). Uma vez que a natureza nos dotou da razão, ainda que em germe, é parte do plano (oculto) da natureza (Kant, 2011, p.

² No original se lê: “Das Leben selbst fühlen wir nicht, sondern die Beförderung oder Hindernis desselben” (Kant, I. *Refl.* AA 15: 244.03-04). Na ausência de edição em língua portuguesa dos trechos citados, a tradução dos excertos presentes é uma *proposta de tradução livre* de nossa autoria, e a referência remete ao texto no original que, no caso das obras de Kant, são citadas de acordo com a Edição da Academia (Kant, Immanuel: **Gesammelte Schriften** Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin 1900ff.) no formato recomendado pela Sociedade Kant Brasileira: *Sigla da obra*. AA (*Akademie-Ausgabe* - Edição da Academia), Volume: Página. Linha de início – Linha de fim da citação, conforme exemplo: KANT, I. *Refl.* AA 15: 244.03-04.

o6) que em dado momento deixemos de nos guiar pelas disposições para a animalidade e passemos a nos guiar pelas disposições para a humanidade, uma vez que "todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme a um fim" (Kant, 2011, p. 05). A animalidade, em Kant, é uma parte fundamental da condição humana, marcada pelos impulsos e desejos que derivam da natureza fisiológica do ser humano. Esses impulsos são essenciais para a sobrevivência tanto do indivíduo quanto da espécie. Na *Antropologia*, Kant chega a mencionar que

a natureza [...] foi sábia ao implantar em nós a disposição para a afecção, a fim de ter *provisoriamente* as rédeas nas mãos até que a razão alcançasse a força adequada, isto é, a fim de acrescentar ainda móveis de estímulo patológico (sensível), que fazem inteiramente as vezes da razão, para a vivificação dos móveis morais (Kant, 2006, p. 151).

Como visto, apesar da utilidade das inclinações para a animalidade, a filosofia kantiana não se limita à satisfação dessas inclinações. A moralidade desempenha um papel fundamental na elevação do prazer a um nível superior, como parte do plano da natureza para com o ser humano. Para Kant, a razão é o que distingue o ser humano dos outros animais. Enquanto os animais agem unicamente de acordo com seus instintos, o ser humano tem a capacidade de refletir sobre suas ações e de agir de maneira autônoma, ou seja, de acordo com princípios que ele próprio estabelece. Isso não significa que os prazeres da animalidade sejam desprezados ou negados; eles são entendidos como parte integrante da vida humana. No entanto, Kant propõe que esses prazeres devem ser regulados pela razão, de modo que não se tornem desmedidos ou destrutivos. O prazer estético, por exemplo, é um modo de prazer que Kant identifica como estando em conformidade com a razão, não é possível entre animais irracionais (e também não em seres que não tenham um corpo no qual sentir o prazer) (Kant, 2010, p. 54). Esse tipo de prazer proporciona uma satisfação que vai além dos impulsos imediatos da animalidade e integra o ser humano a um todo vivido (Rohden, 2009, p. 12). A experiência estética seria uma demonstração de como o prazer pode ser elevado pela razão e não dependente de desejos.

2. O PRAZER E A MORALIDADE

A moralidade, em um grau privilegiado por Kant, também nos distingue e nos eleva enquanto seres racionais, capazes de agir por dever. Isso não significa que a moralidade esteja em oposição ao prazer. No entanto, salienta-se que o prazer moral é desvinculado da faculdade de apetição e essa desvinculação com a faculdade de apetição, que não há em ocasião do prazer no agradável, se apresenta como uma "condição necessária para [...] poder falar de moralidade ou de gosto" (Lebrun, 2002, p. 427). Tal prazer é o prazer que surge da realização de ações por dever, é uma forma de satisfação que está em conformidade com a natureza humana como um ser racional e ético. Kant, ao abordar a relação entre prazer e vida, nos convida a considerar uma harmonização entre os prazeres inerentes ao agradável, entre os prazeres estéticos e, ainda, os princípios racionais. A vida, em seu sentido mais completo, não é simplesmente uma busca desenfreada pelo prazer no agradável, mas uma jornada em direção à realização moral, onde o prazer se torna uma expressão (não visada) da liberdade e da autonomia do ser humano.

O corpo é o local onde os prazeres são experimentados. Conforme nos diz Kant, “todo deleite, mesmo que seja ocasionado por conceitos que despertam ideias estéticas, é sensação *animal*, isto é, corporal” (Kant, 2010, p. 179). Contudo, é através do uso da razão que esses prazeres podem ser elevados e regulados. Dessa forma, Kant propõe uma visão integrada do ser humano, onde as dimensões sensíveis e racionais não estão em conflito, mas sim em harmonia. Essa harmonia é o que possibilita ao indivíduo experimentar uma vida plena, onde o prazer é vivenciado de maneira equilibrada e em conformidade com a razão. A disposição para a animalidade³, que está associada aos instintos e prazeres sensoriais, é uma parte fundamental da vida, mas não pode ser a única dimensão a ser considerada. Para Kant, a realização humana vem da disposição para a moralidade, que nos permite agir de acordo com princípios racionais e éticos. A tensão entre essas duas disposições — a animalidade e a moralidade — é o que define a experiência humana e nos impulsiona em direção ao desenvolvimento do plano da natureza. O prazer, portanto, é tanto uma manifestação da vitalidade quanto uma força que precisa ser controlada pela razão para que possamos viver de maneira plena e moral. Ao vivenciar o prazer de acordo com a razão, o ser humano

³ Sobre essa abordagem, o leitor se beneficiará de passagens como KANT, 2009, p. 167; KANT, 1992, p. 34; bem como, KANT, 2006, p. 216 - 219.

encontra uma forma de promover sua própria vida, não apenas no sentido fisiológico, mas também no sentido moral. O prazer que é guiado pela moralidade proporciona uma satisfação que vai além da mera gratificação dos sentidos. Esse prazer moral é uma expressão da liberdade do ser humano e de sua capacidade de agir de acordo com princípios éticos, contribuindo para uma vida não meramente animal.

Tanto no caso do bom para (ou seja, do *útil*) quanto no caso do *bom em si* (o *bem moral*), há um “comprazimento na *existência* de um objeto ou de uma ação” (Kant, 2010, p. 52). No caso do *útil* há um interesse na vinculação com o sentimento de prazer e desprazer, colocando a razão a serviço das inclinações. Nesse caso, há uma impossibilidade de leis morais. Enquanto no *útil* o objeto ou ação é apenas o meio para o comprazimento, no caso do *bom em si* o comprazimento, a satisfação, ou, ainda, o prazer não pode ser o motivo da ação. Em ambas as situações a vontade é determinada pela razão, no caso do bom está envolvido o pressuposto de *conceito* para se reconhecer algo como bom, tanto no *bom para* quanto no *bom em si*. No caso do agradável, a determinação na disposição das faculdades mentais é dada pelos sentidos. Como *vontade determinada*, há uma relação com o *sentimento de prazer e desprazer*. Contudo, no caso da satisfação no bom, Kant faz a ressalva de que trata de uma “modificação particular e peculiar” do sentimento de prazer e desprazer, que não concorda “nem com o prazer nem com o desprazer que obtemos de objetos empíricos” (Kant, 2010, p. 68). Essa modificação peculiar do sentimento de prazer nesse caso Kant chamou de *respeito* pela lei moral, que seria um incentivo (não um motivo) para a ação, um sentimento “que *se produz por si mesmo* através dum conceito da razão” (Kant, 1974, p. 209), o respeito sendo dado pela lei em si.

O §4 da *KU* é intitulado “o comprazimento no bom é ligado a interesse” (Kant, 2010, p. 52) e nele encontra-se a consideração de que não só o *comprazimento no bom é ligado a interesse* mas que o bom em si comporta o máximo interesse (Kant, 2010, p. 54) (o *útil* e o *agradável* também comportam algum interesse). Ao fim desse parágrafo, Kant menciona que há ligação entre o *bom em si* e o interesse no objeto “pois o bom é o objeto da vontade (isto é, de uma faculdade de apetição determinada pela razão)” (Kant, 2010, p. 54). Em outra passagem, no §12, Kant menciona que “o estado de ânimo de uma vontade determinada por qualquer coisa é em si já um sentimento de prazer e idêntico a ele” (Kant, 2010, p. 68). Retornando ao fim do §4 encontra-se uma vinculação entre a faculdade apetitiva, o comprazimento na existência do objeto representado e o interesse: “querer alguma coisa e

ter comprazimento na sua existência, isto é, tomar um interesse por ela, é idêntico” (Kant, 2010, p. 54). Nessa perspectiva, por ser objeto de uma faculdade de apetição determinada, o bom (tanto o bom em si quanto o útil e também o agradável) está relacionado ao prazer. Além disso, há a compatibilidade entre a *faculdade apetitiva*, entre o *interesse* na realização do objeto representado e também entre o *comprazimento* na *existência* do objeto.

Já na *Introdução à Metafísica dos Costumes* Kant havia mencionado a relação entre a faculdade apetitiva e o prazer: “liga-se ao desejo e à aversão sempre *prazer e desprazer*” (Kant, 2013, p. 22), ressaltando, no entanto, que “nem sempre o prazer ou o desprazer com o objeto do desejo precede o desejo” (Kant, 2013, p. 22). Rohden salienta que “à faculdade apetitiva importa [...] que o objeto representado como bom seja realizado ou *exista*” (Rohden, 2011, p. 181). Assim entendida, a rigor, a relação entre a faculdade apetitiva fundada na liberdade e essa espécie de prazer implica um agir, implica realizar a existência do objeto e não num simples desejo (Kant, 2006, p. 149). “E a faculdade apetitiva identifica-se com essa força realizadora. Essa força tem seu incentivo num comprazer-se com a *existência* e não com a mera possibilidade” (Rohden, 2011, p. 181). Para além de uma abordagem de um Kant focado no imperativo categórico, essa relação entre prazer, moralidade e vida em Kant nos oferece uma visão abrangente da condição humana e “pode surpreender interpretações distorcidas da filosofia moral kantiana” (Rohden, 2005, p. 235), uma vez que “a moralidade, do modo como é entendida por Kant, vincula-se necessariamente com a vida e com o prazer” (Rohden, 2005, p. 235). O prazer como uma parte intrínseca da vida, no entanto, precisa ser regulado pela razão para que a existência seja moralmente significativa. A vida em conformidade com a natureza, tal como proposta por Kant, envolve a integração dos prazeres inerentes à nossa animalidade com os princípios éticos, permitindo que o ser humano experimente uma forma mais elevada de viver, onde o prazer e a moralidade se complementam.

3. FUNÇÃO E LIMITES DO PRAZER NO SISTEMA KANTIANO

No sistema filosófico de Kant, o prazer desempenha um papel essencial, mas deve ser entendido em seus devidos limites para que sua função seja devidamente compreendida dentro do contexto ético e racional. Kant não nega a importância do prazer, mas, ao contrário, reconhece que ele tem um papel vital tanto para a existência quanto para a vida

moral. Segundo Kant, “tudo o promove ou amenta o sentimento de vida apraz, assim isso concerne ou a vida animal, humana ou espiritual” (Kant, 2021 B, p. 56), ou seja, ou ao agradável, ou ao âmbito estético ou ao moral. O prazer, segundo Kant, é uma indicação de que algo está em conformidade com as condições subjetivas da vida, mas ele nunca pode ser um fim em si mesmo, nem mesmo em ocasião do agradável. Sua função precisa ser integrada à racionalidade e à moralidade, de modo que o indivíduo não se deixe guiar exclusivamente por impulsos sensíveis, mas pela razão moral.

A função do prazer no sistema kantiano é dupla: ele serve tanto como um impulso vital, essencial para a sobrevivência e bem-estar fisiológico, quanto como um meio de experimentar a harmonia entre as representações e o plano da natureza para com a humanidade. Essa dualidade está no centro da filosofia kantiana, que busca reconciliar a natureza animal do ser humano com sua capacidade moral e racional. Kant entende que o prazer sensível é necessário para a vida, mas é a razão que deve regular esse prazer, garantindo que ele não ultrapasse os limites impostos pela moralidade. Para Kant, o prazer não pode ser o guia absoluto da ação, pois isso levaria a uma busca desenfreada pelo prazer imediato, que ignora as consequências éticas e sociais. No entanto, ele reconhece que o prazer pode e deve ser experimentado dentro de um contexto moral. O prazer moral, aquele que surge da conformidade da ação com a razão e os princípios éticos, é uma forma mais elevada e estável de prazer, que não depende das flutuações dos impulsos sensíveis e que vivificam apenas em parte (Kant, 2021 B, p. 56). Esse tipo de prazer, ao contrário do prazer no agradável, promove não apenas o bem-estar individual, mas também o bem-estar coletivo, sendo uma expressão da liberdade moral do indivíduo. Um aspecto fundamental da função do prazer no sistema kantiano é seu papel como indicador de vitalidade. O prazer é o sinal no corpo de que estamos em sintonia com nossa natureza e com as condições necessárias para promover a vida⁴. Para Kant, a verdadeira promoção da vida ocorre quando a razão governa os prazeres sensíveis, direcionando-os para ações que estão de acordo com o dever moral (Kant, 2021 B, p. 57).

Os limites do prazer, no sistema kantiano, são definidos pela moralidade. O prazer, por si só, não pode ser o critério último para determinar o que é bom ou justo. A moralidade, baseada na razão prática, estabelece as fronteiras dentro das quais o prazer pode ser

⁴ Cf. ROHDEN, 2010, p. 341, ROHDEN, 2005, p. 233, ROHDEN, 2005, p. 235, ROCHA, 2019, p. 90.

legitimamente buscado. Quando o prazer ultrapassa esses limites e se torna um fim em si mesmo, ele perde seu valor moral e está em desacordo com a nossa constituição como um ser de natureza racional (Kant, 2011, p. 06). Por isso, Kant insiste que o prazer deve sempre ser regulado pela razão, de modo que ele não comprometa os deveres éticos e o respeito pelos outros. Essa regulação do prazer é o que garante sua função positiva dentro do sistema kantiano. O prazer moral, por exemplo, é aquele que advém do cumprimento do dever e da realização de ações que promovem o bem comum. Esse tipo de prazer é qualitativamente superior aos prazeres sensoriais, pois não depende das circunstâncias externas ou dos desejos imediatos, mas da conformidade da vontade com a lei moral. Kant argumenta que esse prazer moral é uma expressão da liberdade do indivíduo, pois ele surge quando a pessoa escolhe agir por dever, e não em resposta a impulsos ou desejos. E, ainda, nas *Reflexões sobre Filosofia Moral*, Kant menciona que “a liberdade é a vida originária e na sua interconexão a condição da concordância de toda vida” (Kant, I. *Refl.* 6862. AA, 19: 183. 25-26). Além disso, Kant propõe que o prazer pode ser experimentado na apreciação estética. O prazer estético, que surge do julgamento desinteressado sobre a beleza de um objeto ou cena, é um exemplo de como o prazer sensível pode ser elevado pela razão. Esse tipo de prazer não é governado pelos impulsos da animalidade, mas pelo livre jogo das faculdades do ânimo (Kant, 2010, p. 62). O prazer estético, portanto, demonstra como a função do prazer pode ser refinada e elevada dentro dos limites estabelecidos pela razão. Um dos pontos centrais da crítica kantiana ao prazer como fim em si mesmo é que ele tende a ser transitório, insatisfatório a longo prazo (Kant, 2006, p. 128), e não condiz com a nossa destinação enquanto seres racionais. O prazer sensorial, por sua própria natureza, é efêmero e dependente de circunstâncias externas, enquanto o prazer estético e em especial o moral, ao contrário, é mais duradouro e estável, pois está enraizado em princípios racionais. Essa diferença reflete a tensão que Kant identifica entre os prazeres imediatos da animalidade e os prazeres mais elevados da moralidade e da estética. O prazer sensorial, quando buscado sem limites, pode levar à insatisfação e à frustração, enquanto o prazer regulado pela razão leva à realização humana.

No entanto, Kant não propõe que o prazer sensorial deva ser completamente rejeitado ou ignorado. Ele reconhece que os prazeres da animalidade são necessários para a vida e que, quando moderados pela razão, podem contribuir para o bem-estar humano. A chave está na regulação desses prazeres, de modo que eles não se tornem o foco exclusivo da

existência, mas sejam integrados em uma vida orientada pela razão e pela moralidade. Dessa forma, os prazeres inerentes ao agradável podem coexistir com os prazeres morais e estéticos, formando uma vida equilibrada e plena. Os limites do prazer, portanto, são estabelecidos pela necessidade de preservar a dignidade humana e promover o bem comum, em busca de “uma constituição civil perfeita (o objetivo mais alto da cultura)” (Kant, 2009, p. 167, n. 5). O prazer que ignora essas considerações morais se torna egoísta e destrutivo, comprometendo tanto o indivíduo quanto a comunidade. Kant insiste que a verdadeira liberdade e satisfação só podem ser alcançadas quando o prazer é experimentado dentro dos limites impostos pela razão e pela moralidade. Essa é a base de sua defesa de uma vida em conformidade com a natureza, onde o prazer é integrado a um sistema ético mais amplo. A função e os limites do prazer no sistema kantiano revelam, portanto, uma profunda interconexão entre a sensibilidade e a razão. O prazer, quando adequadamente regulado, pode ser uma expressão da liberdade e da moralidade, entendido como aquilo que se pode sentir da vida. Kant nos convida, assim, a refletir sobre a importância de viver de acordo com a razão, não para negar o prazer, mas para elevá-lo a uma forma de satisfação que esteja em conformidade com a ideia que serve de fundamento à natureza.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Em suma, a análise dos limites e das possibilidades da relação entre prazer, vida e uso da razão em Kant revela a profundidade do pensamento do filósofo. A vida em conformidade com a natureza é uma expressão da vitalidade humana que abrange tanto a animalidade quanto a moralidade. O prazer, enquanto um aspecto fundamental dessa vivência, deve ser entendido não apenas como uma experiência sensorial, mas como uma dimensão que se integra à moralidade. A coerência do pensamento kantiano se manifesta na sua proposta de uma vida plena que une prazer e razão, onde a moralidade não é uma restrição, mas uma elevação da experiência vital. A integração das disposições para a animalidade e a moralidade nos permite compreender que a verdadeira realização humana se dá na capacidade de agir eticamente, encontrando prazer na vivência moral.

Os limites do prazer, estabelecidos pela moralidade, garantem que a busca por satisfação não comprometa a dignidade e o bem-estar dos outros. Essa dinâmica complexa entre prazer e razão é o que caracteriza a experiência humana, permitindo que cada

indivíduo busque uma vida que não apenas satisfaça seus desejos, mas que também contribua para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa. A filosofia kantiana, portanto, ressalta que o prazer, quando integrado à moralidade, se transforma em uma experiência enriquecedora que enriquece não apenas a vida individual, mas também a coletividade. Ao abraçar essa visão, somos levados a compreender a vida a partir de uma perspectiva onde a razão e o prazer coexistem em harmonia, possibilitando a realização plena do ser humano. A análise da interconexão entre prazer, vida e moralidade no pensamento kantiano revela uma concepção profunda da condição humana. Kant não nega a importância do prazer, mas propõe que ele deve ser regulado pela razão e pela moralidade para que possa desempenhar sua função de maneira construtiva.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. Gesammelte Schriften. Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin 1900ff.

_____. A Religião nos Limites da Simples Razão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. Antropologia de um Ponto de vista Pragmático. São Paulo. Iluminuras, 2006.

_____. Crítica da Faculdade do Juízo. Rio de Janeiro. Forence Universitária, 2010.

_____. Crítica da Razão Prática. Edição bilíngue. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

_____. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Coleção Os Pensadores. Volume XXV. Abril Cultural, 1974.

_____. Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita. Org. Ricardo Terra. São Paulo. Martins Fontes, 2011.

_____. Início conjectural da história humana. ethic@ Florianópolis v. 8, n. 1 Jun 2009, p. 157 - 168.

_____. Metafísica dos costumes. Petrópolis, RJ. Vozes; Bragança Paulista, SP. Editora Universitária São Francisco, 2013.

_____. Metaphysical foundations of natural science. Trans. and ed. by Michael Friedman. Cambridge. Cambridge University Press, 2004.

_____. **REFLEXÕES DE ANTROPOLOGIA I:** Sobre a capacidade de conhecer. Tradução e notas de Daniel Omar Perez. São Paulo. Instituto Langage, 2021 (A).

_____. **REFLEXÕES DE ANTROPOLOGIA II:** Sobre o sentimento de prazer e desprazer. Tradução e notas de Daniel Omar Perez. São Paulo. Instituto Langage, 2021 (B).

_____. **REFLEXÕES DE ANTROPOLOGIA III:** Sobre a capacidade de desejar. São Paulo. Instituto Langage, 2021 (C).

DÖRFLINGER, Bernd. A ideia de Kant de um sentimento intuitivo no contexto de sua teoria do organismo. In. **MARQUES**, Ubirajara Rancan de Azevedo (Org.). Kant e a biologia. São Paulo. Editora Barcarolla, 2012.

FERREIRA, Manuel J. Carmo. O prazer como expressão do absoluto em Kant. No 2.º Centenário da Crítica do Juízo. In AA.VV, **PENSAR A CULTURA PORTUGUESA:** Homenagem a Francisco da Gama Caeiro, Lisboa, Colibri/ Dep. de Filosofia da FLUL, 1993, pp. 391-402.

LEBRUN, Gérard. Kant e o Fim da Metafísica. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

MOLINA, Eduardo. Kant and the Concept of Life. The New Centennial Review, Vol. 10, No. 3, Life. Michigan State University Press, winter 2010, pág. 21-36.

_____. Sentimiento de la vida y autoconciencia en Kant. Anuario filosófico 48/3– Universidad de Navarra, Navarra, 2015, pág. 493 - 514.

OROÑO, Matías. Cuerpo, mente y espíritu en el enfoque crítico acerca de lo sublime. In. **CAIMI**, Mario (Org.). Temas kantianos. Prometeo Libros, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2014. Pág. 203 - 229.

ROCHA, Leandro. O prazer como sentimento de vida em Kant. São Paulo: LiberArs, 2019.

ROHDEN, Valerio. A força da faculdade apetitiva como prática da virtude em Kant. In. **HOBUSS**, João (Org.). Ética das virtudes. Florianópolis. Editora da UFSC, 2011, p. 171-185.

ROHDEN, Valerio. A função transcendental do Gemüt na Crítica da razão pura. *Kriterion* vol.50. Belo Horizonte, nº 119, Jun./2009, p. 7-22.

_____. O sentido do termo Gemüt em Kant. In. **PEREZ**, Daniel Omar (Org.). *Kant no Brasil*. São Paulo: Editora Escuta, 2005, p. 25–40.

_____. Viver segundo a idéia de natureza. In. **BORGES**, Maria de Lourdes; **HECK**, José (Orgs.). *Kant: liberdade e natureza*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005, p. 233-248.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. A formação do pensamento biológico de Kant. In. **MARQUES**, Ubirajara Rancan de Azevedo (Org.). *Kant e a biologia*. São Paulo. Editora Barcarolla, 2012.

UGARTE, Óscar Cubo. Corporalidad y vida en la Filosofía Crítica de Kant. *Ideas y Valores*, nº 143, Ago/2010. Bogotá. Pág. 109 - 122.

_____. *Sentido común y subjetividad*. Plaza y Valdés Editores. Madrid. 2012.

ZAMMITO, John H. Kant's Notion of Intrinsic Purposiveness in the Critique of Judgment. A Review Essay (and an Inversion) of Zuckert's. In. **HEIDEMANN**, Dietmar H (Ed.). *Kant Yearbook 1/2009 - Teleology*. Berlin, New York. Walter de Gruyter, p. 223 - 248.

_____. *The Genesis of Kant's Critique of Judgment*. University of Chicago Press, 1992.